

NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO: RELAÇÃO LOCAL/GLOBAL E TECNOPOLÍTICA

PAULO PASSOS DE OLIVEIRA¹

Resumo: Este trabalho aborda a relação entre as culturas *local* e *global*, promovida a partir da presença de novas tecnologias da informação. Para tanto, foram analisadas as posições de autores da área de ciências humanas a respeito da mudança na percepção espaço-temporal do sujeito contemporâneo, decorrente desta relação local/global, presente em quatro elementos das tecnologias interativas atuais: espaço-temporalidade; informação; controle; e as redes. Com base nesses elementos, é proposta uma discussão tecnopolítica no âmbito das políticas sociais.

Palavras-chave: *Tecnologias da Informação. Cultura Local. Cultura Global. Tecnopolítica.*

Abstract: This paper explores the relationship between *local* and *global* cultures, that has been promoted by the new information technologies. From this point of view, the article analyzes the purpose of some authors who performs studies in the human sciences field. On that ground, changes in the space-time of contemporary subject's perception are focused on the consequences from this local/global relationship that is in fact present in four elements of the current interactive technologies: spatio-temporality; information; control; and networks. On this basis, a technopolitical discussion in social policies is proposed.

Key-Words: *Information Technologies. Local culture. Global culture. Technopolitics.*

¹ Mestre em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação (ECO) da *Universidade Federal do Rio de Janeiro* (UFRJ/1998). Tecnólogo em Cinema pela *Universidade Gama Filho* (UGF/RJ/2007). Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pelas *Faculdades Integradas Hélio Alonso* (Facha/RJ/1998). Co-produtor da Mostra Visualidades e vinculado ao Programa “Visualidades: identificação e registro audiovisual para preservação do patrimônio cultural da cidade de Sobral/CE”, a ser realizado pela *Universidade Estadual Vale do Acaraú* (UVA) – Proext, MEC, 2012. Professor do curso de Administração da *Faculdade Luciano Feijão*, em Sobral. E-mail: paulopety@globo.com

INTRODUÇÃO

Michel Foucault nos alerta que vivemos não mais em *sociedades disciplinares*, presentes nos séculos XVIII e XIX, mas em *sociedades de controle*. Gilles Deleuze explica o primeiro tipo como sendo aquele em que o trabalhador passava “de um espaço fechado a outro, cada um com suas leis: primeiro a família, depois a escola (...), depois a caserna (...), depois a fábrica, de vez em quando o hospital, eventualmente a prisão, que é o meio de confinamento por excelência.” (DELEUZE, 1992, p. 219)

Após a Segunda Guerra, instaura-se definitivamente o segundo tipo que, ao contrário do primeiro – onde o indivíduo sempre finaliza suas obrigações – nunca se termina nada. Enquanto no primeiro a assinatura indica o indivíduo – e a identidade o seu número em uma massa –, nas sociedades de controle o importante é uma cifra: os indivíduos tornaram-se divisíveis, e as massas tornaram-se amostras. As antigas sociedades operavam com máquinas simples, com alavancas e roldanas. As novas sociedades operam com máquinas computadorizadas e seus códigos virtuais sem suporte, onde até a expressão monetária remete a trocas flutuantes e modulações cifradas e imateriais. Desta forma, as relações de obtenção de bens nas sociedades modernas passam pela transformação de signos e códigos.

A esta fase atual das sociedades contemporâneas, alguns autores nomeiam pós-modernidade. Se pensarmos nas grandes metrópoles, como Fortaleza, a alternância de estilos arquitetônicos urbanos proporciona uma alteridade nova, sempre provocando novas associações aos sujeitos que passam pelas construções. A estrutura orgânica das grandes cidades é alterada para receber os carros cada vez mais velozes – as autopistas e os anéis viários; surgem os grandes aeroportos e os teleportos, que são os modernos complexos de telecomunicações.

Dentro dos imóveis, uma nova cidade se desenha. Trata-se de um espaço singular, que emana das telas de TV e dos computadores: o espaço das imagens. A cultura pós-moderna sobrevive na necessidade da imagem e no desejo, em função do objeto. A imagem, ao contrário da linguagem – estruturada por regras sistemáticas –, se fundamenta na memória perceptual inconsciente. Esta característica pós-moderna é também uma característica das sociedades de consumo.

A cultura pós-moderna é sustentada por suportes midiáticos, que flutuam virtualmente através da alta tecnologia dos equipamentos eletrônicos de última geração – a televisão, o computador, suporte do universo altamente estetizado da internet. Através deles circulam os signos da sociedade contemporânea, promovendo a alteridade e um intrincado processo de subjetivação. O ritmo acelerado das imagens constantes mantém a cultura pós-moderna e o sistema de consumo que ela sustenta, e do qual ela depende.

Na metrópole física surgem imagens reconstruídas de prédios novos, que reconfiguram os antigos espaços. Do lado de dentro dos lares nasce outra cidade, esta virtual, com imagens que configuram novos espaços. Entre os dois espaços, está o sujeito, com sua formação cultural concebida no lugar. O mesmo sujeito, que se articula na nova cidade, material, de concreto, e que depende cada vez mais da outra cidade, o *não-lugar*, colocado aqui não no sentido utópico, mas no sentido heterotópico, mas o *mesmo lugar*, presente onde você acessá-lo. O lugar *heterotópico* tensiona com o lugar *tópico*, e tal produção afeta as novas formas de subjetividade e de relação com a produção: o lugar do trabalho pode ser a sua casa, desde que você esteja conectado.

O espaço e o tempo se reconfiguram a partir da relação dos lugares físicos e virtuais. O sistema capitalista absorve o tempo e o espaço em metrópoles, que tem no espaço um obstáculo a ser superado, e no tempo que busca a instantaneidade. Daí, a construção de vias de acesso mais rápidas, carros mais velozes, e internet mais rápida. Executivos trocam o escritório pelo trabalho em casa. No mundo pós-moderno, a informação vai até você. Nas grandes metrópoles, o maior desafio não está em *acessar* a informação, mas em *selecioná-la*.

Nestas cidades globalizadas, nas áreas mais ricas, o *lugar* passa a ser vigiado pelo *mesmo lugar*: bancos, lojas e restaurantes são monitorados por câmeras de segurança. Carros de luxo passam a ser seguidos por satélite, em uma vigilância de quem não *está*, mas *é...* o poder. Habitantes das metrópoles observam as cidades e os monitores, da mesma forma que são observados por câmeras.

O objetivo deste trabalho é observar a relação entre o espaço local a partir da emanação do global; do lugar físico que se altera e do lugar virtual que se configura sem parar, tomando como eixo de gravidade as novas tecnologias da informação. Para tanto, é importante observar diferentes posições de alguns autores atuais a respeito da mudança na percepção espaço-temporal do sujeito contemporâneo, decorrente desta relação local/global, e as questões político-sociais daí levantadas.

NOVAS TECNOLOGIAS E RELAÇÃO ESPAÇO-TEMPORAL

Paul Virilio compara as metrópoles atuais às cidades medievais: antes a luz do dia determinava a abertura de portas das cidades; atualmente, pode-se ligar a televisão ou o computador. Este “falso dia eletrônico” é composto por informações sem relação com o nosso tempo real. Abala-se a relação espaço-temporal: tudo chega, sem que haja necessidade de partida, em um presente permanente. Os apartamentos com Tv a cabo e internet transformam-se em minicentrais de acontecimentos mundiais; tudo ocupa o mesmo lugar, uma localização virtual. O real, a hiper-realidade e o imaginário

se confundem, e a fascinação estética está em toda a parte. (VIRILIO, 1993)

Virilio (1989) acredita que as novas tecnologias audiovisuais são um canal de transferência pós-moderno do qual somos passageiros, um estático que substitui a viagem física. Vetor da aproximação dos lugares, fazendo-nos escravos da superação do tempo, única maneira de controlar os espaços. Tais tecnologias – aí incluídas a televisão e as redes de informação via computador – contribuem para a inércia do homem contemporâneo, na medida em que difundem cada vez mais informações e aproximam lugares. Mais: o sujeito começa a perder o universo quando este chega até ele numa fração de segundo.

A tecnologia surge aí como vetor de velocidade e informação. O funcionamento audiovisual de toda a maquinária de informação cria uma cidade descoletivizada. (CAIAFA, 1995) O espaço público torna-se cada vez mais desprezado nas cidades do primeiro mundo, planejadas para carros. A importância do lugar público está no fato de que a diferença e a heterogeneidade estão na rua. A rua confronta as diferentes imagens subjetivas, o que provoca alteridade. Foi a rua das grandes capitais européias a responsável pela instauração da modernidade. Agora, a sociedade pós-moderna parece investir numa relação contrária, provocando o encarceramento.

A posição de Virilio não é compartilhada por Negroponte, que se entusiasma com as possibilidades da abolição das distâncias. Sua posição pode ser sustentada em um exemplo claro: “no futuro, vamos dispor de tecnologia necessária em termos de telecomunicações e realidade virtual para que um médico em Houston faça uma delicada operação num paciente no Alasca. (...) Muitas atividades, como as dos chamados profissionais especializados, não apresentam (...) dependência do tempo e do espaço, razão pela qual serão desacopladas bem mais cedo da geografia.” (NEGROPONTE, 1995, p. 159)

Partindo da idéia da eliminação dos lugares, conclui-se que a noção de endereço muda completamente. As mensagens enviadas via correio eletrônico podem chegar em computadores portáteis, sem que tenhamos que estar sempre no mesmo local específico. O endereço transforma-se em uma marca registrada do indivíduo, e não se prende mais a um lugar.

Michel Serres é um dos que analisa a questão da oposição lugar público/lugar privado, a partir da veiculação das informações em redes de informática. Para ele, a rede é lugar de movimento, de ordenação, de volatilização das informações, propagando em direção do global as funções que não mudam a si mesmas. Sendo assim, não há necessidade de suporte. Não há necessidade de uma rua Richelieu,² quando nenhuma rua é suficientemente ordenada e munida de instrumentos universais,

que possam tratar tão bem a informação quanto uma rede de informática. O local se estende ao global. (SERRES, 1995)

A discussão sobre a relação local/global não é recente. Durante a modernidade, o impulso industrializante colaborava para o desenvolvimento dos meios de comunicação mais avançados – como o rádio e o telégrafo – e para meios de transportes mais rápidos – as linhas internacionais de trem, seguidas pelos automóveis do século XX. Como reação, começava a discussão sobre a aproximação do mundo moderno. A consequência desse processo foi o surgimento de duas tendências antagônicas de exploração espaço-temporais nos regimes sócio-econômicos: uma defendia o universalismo, e outra, o particularismo.

Em ambos os casos não há uma separação definitiva entre as duas posições. Elas podem conviver no mesmo corpo – individual ou coletivo –, dependendo do espaço e do momento, levando em conta as lutas de interesse. Portanto, a discussão política sobre submeter o espaço ao tempo, ou, ao contrário, submeter o tempo ao espaço como forma de manter a individualidade, fazia parte de projetos políticos estetizantes. Logo, o sistema sensorial aprofundava-se nas relações diretas de poder social.

De um lado, pregava-se a união dos lugares pela pulverização dos espaços. Para isso, era necessária a organização do espaço externo para se viabilizar o espaço interno. A junção de diferentes culturas abriria formas novas e comuns de cultura. David Harvey acredita que essa tendência não determinou se haveria a necessidade de uma submissão histórica à reestruturação espacial ou temporal do período. (HARVEY, 1993)

A outra reação propunha que, quanto mais unificado o espaço, mais importantes se tornam as fragmentações, responsáveis pela identidade e pela ação social. O capitalismo se manteria nas diferenças particulares, para os quais o capital pode ser atraído. A diminuição dos espaços faria várias comunidades competirem, oferecendo o que elas possuem de peculiar. Essa reação pressupõe uma identificação de lugar, em um mundo homogêneo, mas fragmentado. De qualquer maneira, as duas tendências apontavam para universalização. Porém, a segunda revelou um mundo aproximado, que tentou resolver as diferenças pregando o reacionarismo. O importante a se observar é que as duas tendências eram manifestação da sociedade estetizada, que revelava ao mundo seu poder através do capitalismo, última forma representativa da “liberdade” burguesa, agora representada pela classe média.

2 Aqui, Serres faz um trocadilho com o nome da rua – onde existem livrarias, a Biblioteca Nacional, e a Bolsa de Valores de Paris – que homenageia um cardinal da Idade Média, conhecido pelo sobrenome Richelieu; o próprio sentido do nome da rua, *Richelieu*, significa, ao pé da letra, *lugar rico*.

A INFORMAÇÃO

Apesar de sempre terem ocupado um papel importante na história da humanidade, os processos de subjetividade, ao longo de todo o século XX, vêm se acentuando devido à política estetizante dos *mass-mídia*. Os meios de comunicação de massa, apoiados cada vez mais em equipamentos eletrônicos de última geração, sempre estão a serviço da homogeneização do pensamento – via uma heterogeneidade de máquinas componentes –, dentro de uma estrutura de controle e de poder. O século XXI transgride a representação da imagem e chega à simulação da natureza de toda uma maquinária complexa, meios de transporte produtores da vida social. Um sistema pós-moderno que se apóia no fugaz, no que não se conserva, na superação dos limites.

Vivemos o século da superação da velocidade, da informação instantânea, da transmissão de enunciados. Chegamos ao final da era em uma progressão geométrica das técnicas de comunicação. A evolução dos meios de “informação” de se desenvolveu no sentido de tornar fácil a relação do homem com a máquina. Mas a difusão e a penetração de tais máquinas no seio das classes sociais de maior poder aquisitivo desenvolveu uma relação complexa, que se opõe à facilidade da utilização das mesmas máquinas. Com as novas tecnologias, aproximam-se também todos os tipos de informação global. Cria-se uma nova segregação, onde os pobres são excluídos de todo acesso à velocidade e à informação.

Nicholas Negroponte explica que estamos entrando na era da pós-informação, na qual meios de comunicação de massa atingiriam o indivíduo organicamente, ou, como ele mesmo denomina, digitalmente. Isso significa que a transmissão de informações se daria levando em conta o indivíduo, ele mesmo; não levaria em conta apenas uma base estatística, mas informações que só digam respeito a ele, incluindo suas idiossincrasias e acontecimentos aleatórios. (NEGROPONTE, 1995)

Assim sendo, na televisão e no rádio que serão implementados em poucos anos, a programação começa quando e como determinarmos. Ao invés da programação ser “empurrada” ao telespectador, ela será “puxada” por ele, ou ainda por um computador que fará todo o serviço de pré-seleção, levando em consideração as preferências individuais.

Em uma análise mais profunda, percebemos que as novas tecnologias acabam – ou começam – por promover um encarceramento caseiro. Com pretexto de “facilitar” a vida moderna, a maquinária trouxe para dentro das casas todo um aparato globalizante, que penetra os espaços familiares com uma estética e uma sobre-ética. O fato de se poder ter a imagem presente em tempo integral dá à própria imagem o estatuto de verdade absoluta.

As informações dos noticiários internacionais televisivos ganham a aptidão para viajar –

propositadamente fazendo mau uso do termo criado por Marcel Mauss – impulsionadas por questões ideológicas, financeiras e de interesse de regulação social. Esses fatos homogenizam-se, sobrevivendo dentro de um corpo jornalístico, e banalizam-se. Vê-se, com frequência, uma notícia de 30 segundos sobre a queda de um avião, em outro continente, e a conseqüente morte de 250 passageiros. (CAIAFA, 1992)

O CONTROLE

Em países em desenvolvimento, como o Brasil, a aceleração do investimento privado do setor de telecomunicações – temos o exemplo mais recente das Tvs a cabo e implementação das Tvs digitais – é paradoxal se consideradas as faltas de investimento no transporte público e nas condições básicas de manutenção das cidades. Soma-se a isso toda a desigualdade sócio-econômica. A violência gerada pela falta de perspectivas nas cidades grandes, como Rio de Janeiro, São Paulo e Fortaleza, contribui para o isolamento das classes média e alta, que vivem em condomínios de segurança máxima.

A segurança confunde-se com o controle. Não se busca apenas a segurança, mas a vigilância, daí o olhar eletrônico espreitando aeroportos, *lobbys* de hotéis, condomínios, *shoppings*, agências bancárias... Não é apenas precaução, mas uma ameaça que antecipa o futuro em um eterno presente. A segurança não se encontra mais na circulação física, mas no esvaziamento e na espreita, em uma tocaia virtual.

Há uma descrença no espaço real? No caso do controle descrito acima, tudo funciona em tempo real, mas um tempo que serve a um espaço que, na verdade, não é aquele onde estão os controladores. Logo, o tempo se submete a este outro espaço. Durante as décadas de 70 e 80 do século passado, o mundo presenciou a paranóia nuclear que, no seu auge, era representada pelo programa norte-americano de contra-ataque, denominado *Guerra nas Estrelas*. Tal programa elevava a uma macroestrutura planetária o controle maquínico. A guerra se tornou apenas uma questão de decisão, as máquinas fazem o resto. Os satélites avisam quando de um ataque nuclear, que seria imediatamente respondido. Ao contrário das guerras antigas, quando o poder real dos exércitos era demonstrado, atualmente, esconde-se o poder de fogo, à luz de um Big Brother, que tudo vê e tudo sabe. A máquina *sabe* sem que o homem *perceba*. Portanto, o saber não envolve mais a percepção humana, mas também uma percepção maquínica.

Informação, ação e resposta não prescindem mais o sujeito. Pode-se dizer que elas existem *para* o sujeito? Como se dá esta relação de acesso às informações? É claro que, no caso dos programas nucleares a relação é mais complexa, e envolve um jogo de poderes que, analisado, daria só ele um imenso trabalho. Não nos cabe o mérito de fazer julgamento de valor sobre a circulação de informações. Tentemos verificar o que representa socialmente a veiculação de informações via novas tecnologias, mais especificamente as *redes*.

Retornando a Michel Serres, entendemos as redes como um *pensamento sem corpo*, um pensamento maior, construído por nossas próprias mãos. Pelas redes passam incessantemente informações variadas e ordenadas, transportadas cotidianamente à tela de nossos computadores, numa eterna tensão entre o local e o global: “desde que a maior parte dos lugares esteja conectada, a rede as apaga, fazendo-as existir em conjunto, e a cineteca (*cinéthèque*) torna-se virtual, já que sua realidade se identifica com o mundo mesmo.” (SERRES, 1995, p. 148)

As novas tecnologias promovem a “saída de si” pela viagem e pelo distanciamento da consciência, associando o local e o global em um espaço virtual novo. Contudo, Serres ressalta que o aparato pode ser novo, mas a experiência humana de “sair de si” já é antiga, tão antiga quanto as formas de representação.

A rede única se dispersa em todos os lugares de maneira fragmentada, exatamente por que ela tem a capacidade de reuni-los. O oposto pode acontecer: um local minúsculo atingir o âmbito global, estar em todos os lugares. Logo, todos os lugares fazem parte da rede. Para Serres, a solução dos lugares passaria por esta conexão. Os espaços físicos, ao contrário do que pensa Virilio, devem servir de museus, já que perderam a necessidade de ser; “a rede deixa lugar para a mistura.” Não importa, para ele, o lugar da “estocagem”, já que todos nós temos acesso; “o universo conta sobre o indivíduo.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, a discussão da relação local/global remonta ao início da modernidade. Os meios de comunicação de massa e as novas tecnologias de informação em tempo real possibilitaram uma nova percepção do mundo, e a uma nova relação espaço-temporal.

A questão básica das novas tecnologias diz respeito diretamente à discussão da relação espaço-temporal. Abalada, a percepção penetra em uma nova relação com o mundo, com o futuro, abrindo

portas à incerteza. A sensação de experiência se anula, como se estivesse à mercê da técnica. Para Paul Virilio, assim como Baudrillard e outros autores, o homem estaria perdendo o controle sobre a ciência e a tecnologia.

Jean Baudrillard (1991) chama a atenção para a sobrecarga de informações proporcionada pela mídia, que nos empurra uma infinidade de imagens. Na cultura pós-moderna, as imagens se apresentam como mercadorias de fácil consumo, devido a sua efemeridade. A cultura pós-moderna percebe-se rodeada de imagens, facilmente veiculadas pela instantaneidade técnica.

Negroponte, mais otimista, vê na tecnologia uma abertura de possibilidades, uma ruptura com a percepção tradicional, ou ainda uma abertura para uma nova forma de perceber o mundo. Estaríamos descobrindo um “obscuro objeto de desejo”, em uma nova formação de subjetividade. Uma subjetividade que dê mais autonomia, a partir de uma nova organização das informações e das ações. As novas relações espaço-temporais seriam singularidades, decorrentes de agenciamentos entre o sujeito e as novas tecnologias.

Virilio, assim como outros pensadores não muito otimistas, encaram as novas tecnologias como algo autônomo e alienante, um ponto aonde se chega e do qual não se pode recuar para as origens, em uma total perda de identidades: culturais, sociais, pessoais. As imagens seriam apenas simulacros determinantes, instrumentos de um poder superior, representado pelo capital. Não podemos esquecer que o desenvolvimento tecno-industrial que marcou a modernidade exprimiu também novas formas de relação sócio-econômicas.

Contudo, a questão principal é verificar a possibilidade das imagens em tempo real, quer benéficas, quer maléficas.

Há um certo exagero em Virilio querer culpar o desenvolvimento tecnológico pela possível decadência da arquitetura. A preocupação de Virilio é fundamentada, sendo ele um urbanista. Por outro lado, o desenvolvimento tecnológico não pode ser visto de maneira isolada; a tecnologia se desenvolveu e, da mesma forma que a arquitetura, descobriu novos estilos e novos materiais. A questão básica não é opor a física à metafísica, aliás, como o próprio Virilio frisou. (VIRILIO, 1993)

Em segundo lugar, as novas tecnologias não eliminam a arquitetura em nome de uma tecnicização estetizada. O que há é uma interrelação entre tecnologia e arquitetura. Segundo Bruno Latour, existe uma hibridização entre áreas, como a política, a técnica, a religião, a economia, e todos se contagiam. A tecnologia não sofre influências, mas interfaces. Podemos dizer que a tecnologia é produto de toda uma série de relações. (LATOUR, 1985)

No entanto, concordamos com Virilio no que diz respeito ao processo de subjetivação das cidades. É necessário que os espaços públicos das grandes cidades sejam ocupados novamente. Na

rua se promove o contato com o outro, com o real, com o espaço. Contudo, este alerta tem mais fundamento em cidades do primeiro mundo, planejadas para carros. Em terceiro lugar, interessa verificar a situação dos meios de transportes coletivos, além de investir em uma política de empregos que não retire o trabalhador da periferia para os grandes centros.

Desta forma, existe um certo exagero em Michel Serres, quando diz que não há necessidade de uma rua Richelieu. É claro que as informações podem, e devem ser arquivadas, como, aliás, sempre foram, desde que surgiu a história humana. O que mudam são as formas de arquivamento. Mas às informações não há de se opor os lugares físicos.

Portanto, a questão tecnológica é, antes de tudo, uma questão político-social. O desenvolvimento técnico não pode ser visto isoladamente. É necessário que saibamos de todo o arranjo social que será promovido pela utilização das novas tecnologias. A tecnologia não é maléfica, nem benéfica, mas sim o uso que se faz dela. Discutir o futuro das novas tecnologias é discutir o futuro das relações sócio-econômicas.

Pierre Levy (1993) é um dos pensadores que concorda que a tecnologia é fruto de diversos agenciamentos. Para ele, estamos vislumbrando, a cada dia, a abertura de novas portas. Os agenciamentos tecnológicos produzem uma nova subjetivação, que deve ser experimentada. A tecnologia deve ser encarada como extensão das possibilidades humanas, presente no dia-a-dia. Tudo está em mutação, em eterno processo de atualização. O desafio está em gerir esta técnica, no sentido de propor novas relações humanas. Ao contrário do pensa Virilio, para Levy a técnica é aquilo que precisa ser administrado.

Nesta nova relação é verdade que o sentido temporal estaria aberto à especulação: o presente sustenta o futuro que ainda está por vir. Mas isso não deve ser visto como algo negativo ou positivo. Encaremos apenas como abertura de possibilidades, como novos tipos de relações, que, sem dúvida, irão propor novos processos de subjetivação, e criação de singularidades. Certamente, haverá espaço para a autonomia e para a ação humana, mas para que isso aconteça, é necessário que se corram riscos. A saída não é o retorno, até porque, nunca há retorno.

O poder sempre se exerceu na história da sociedade Ocidental. Discutir as possibilidades das novas tecnologias já é uma maneira de se fugir ao controle. É saber que, socialmente, a era da pós-informação, apresentada por Negroponte, representa conforto, mas também controle; o olhar de fora do sujeito para dentro do sujeito, e não, de dentro do sujeito para fora. Um poder que individualiza, para massificar e uniformizar. Tratar da tecnopolítica torna-se tão importante quanto discutir a política dita institucional, pois diz respeito à utilização de técnicas e tecnologias, que podem ser instrumentos de poder.

Há de se discutir a veiculação das imagens, a democratização dos meios de comunicação de

massa, a ocupação do espaço público, a melhoria dos transportes públicos, a utilização das redes de informática...

Em todo o caso, se ao futuro só restar a destruição, não há de se culpar a técnica, mas todo um conjunto de relações e de agenciamentos sociais. Para que isso não aconteça, é necessária a experimentação, além de encontrar saídas no próprio social. É necessária, afinal, uma política da tecnologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

CAIAFA, Janice. Espaço-tempo urbano: cidades, território e conduta. *Tecendo saberes*. Rio de Janeiro: Diadorim/CFCH-UFRJ, 1995.

_____. "Velocidade e viagem". In: *Anuário do laboratório de subjetividade e política*. Luís Antonio dos S. Batista (org.). Rio de Janeiro: Departamento de Psicologia, Universidade Federal Fluminense. Ano 1, volume 1. Dez.91-dez.92.

DELEUZE, Gilles. "Post-scriptum sobre as sociedades de controle". In: *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1993.

LATOUR, Bruno. "Les vues de l'esprit". In: *Culture Technique*, nº 14, 1985, p. 5-29.

LEVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

NEGROPONTE, Nicholas. *A vida digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SERRES, Michel. *Atlas*. Paris: François Bourin, 1995.

VIRILIO, Paul. *O espaço crítico*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

_____. "O último veículo". In: *34 Letras*. Rio de Janeiro: Ed. 34/Nova Fronteira, n. 5/6, set. 1989.